



ABTL

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE
TERMINAIS DE LÍQUIDOS



Clipping Diário

TERÇA-FEIRA 17.03.26

Sudeste lidera cabotagem no Brasil com 155,7 milhões de toneladas e crescimento de 3,18% em 2025

PLATAFORMA: MPOR | CADERNO: ONLINE | 17.03.26

Portos do Rio, São Paulo e Espírito Santo são pontos estratégicos de entrada e saída de insumos industriais

Cabotagem

Ao concentrar grandes volumes no transporte marítimo, a cabotagem também ajuda a equilibrar a matriz de transportes, reduz a dependência das rodovias e amplia a segurança no fluxo de mercadorias estratégicas. Foto: Divulgação

O Sudeste concentra grandes complexos portuários responsáveis pelo transporte de petróleo, derivados, minério, aço e contêineres, cargas essenciais para manter a economia em funcionamento e garantir o abastecimento em diferentes locais do país. Em 2025, a cabotagem movimentou 155,7 milhões de toneladas nos portos do Sudeste, o que representa alta de 3,18% em relação ao mesmo período de 2024, quando foram registradas 150,9 milhões de toneladas. Os dados são da Agência Nacional de Transportes Aquaviários (Antaq), compilados pelo Ministério de Portos e Aeroportos. O volume confirma o papel do Sudeste como principal centro energético e industrial do Brasil.

A movimentação foi liderada por São Paulo, com 21,8 milhões de toneladas, seguido por Rio de Janeiro, com 9,8 milhões de toneladas, e Espírito Santo, com 9,7 milhões de toneladas. Os portos desses estados funcionam como pontos estratégicos de entrada e saída de insumos industriais e combustíveis que abastecem o mercado interno e fortalecem as cadeias produtivas nacionais.

Para o ministro de Portos e Aeroportos, Silvio Costa Filho, o avanço da cabotagem na região demonstra como a navegação marítima contribui para o desenvolvimento econômico. "O crescimento da cabotagem no Sudeste mostra que estamos fortalecendo uma logística mais eficiente e integrada. Quando ampliamos a navegação marítima, reduzimos custos, garantimos mais segurança no abastecimento e criamos melhores condições para o setor produtivo crescer. Isso impulsiona o desenvolvimento regional, fortalece a indústria e gera emprego e renda para a população", afirmou.

Ao concentrar grandes volumes no transporte marítimo, a cabotagem também ajuda a equilibrar a matriz de transportes, reduz a dependência das rodovias e amplia a segurança no fluxo de mercadorias estratégicas.

No Sudeste, o setor de petróleo concentra a maior parte da movimentação. O óleo bruto atingiu 118,4 milhões de toneladas, seguido pelos derivados (14,1 milhões) e pelos contêineres (13,6 milhões). Também se destacaram o ferro e aço (3,4 milhões de toneladas), o minério de ferro (2,5 milhões de toneladas) e a pasta de celulose (1 milhão de toneladas), além de cargas como sal, soda cáustica, gás de petróleo e etanol combustível. Esses produtos são fundamentais para garantir o fornecimento de energia, sustentar a indústria de base e assegurar o abastecimento de bens essenciais para a população.

O desempenho da região acompanha a consolidação do Programa BR do Mar, que reorganizou o setor, trouxe mais clareza nas regras e ampliou a segurança para quem investe e opera na navegação entre portos brasileiros.

Para o secretário nacional de Hidrovias e Navegação, Otto Luiz Burlier, o resultado é consequência de planejamento e estabilidade regulatória. “O avanço da cabotagem no Sudeste é resultado de uma política pública estruturada, que oferece previsibilidade e segurança jurídica ao setor. Com regras claras e planejamento de longo prazo, criamos condições para ampliar rotas, atrair investimentos e fortalecer a integração logística nacional.”

Com a expansão das rotas e o aumento da movimentação entre portos brasileiros, a cabotagem tem se consolidado como uma alternativa estratégica para fortalecer a integração logística do país. A expectativa do Governo Federal é de que, com a continuidade das políticas públicas e o amadurecimento do setor, a navegação marítima amplie ainda mais sua participação na matriz de transporte, contribuindo para uma logística mais eficiente, sustentável e conectada entre as diferentes regiões do Brasil.

Assessoria Especial de Comunicação Social

Ministério de Portos e Aeroportos

Portos brasileiros movimentam 104 milhões de toneladas em janeiro e registram crescimento de 12,8%

PLATAFORMA: RECONNECTA NEWS | CADERNO: ONLINE | 17.03.26

O setor portuário brasileiro iniciou 2026 em ritmo acelerado, registrando 104 milhões de toneladas movimentadas em janeiro, alta de 12,8% na comparação com o mesmo período do ano passado. Os dados foram divulgados pela Agência Nacional de Transportes Aquaviários (Antaq) e confirmam a expansão contínua da atividade portuária no país.

Portos públicos e privados em destaque

Nos Portos Públicos, a movimentação chegou a 35,3 milhões de toneladas, representando um aumento de 10,3% em relação a janeiro de 2025. O Porto de Santarém (PA) se destacou com crescimento expressivo de 156,3%, movimentando 1,6 milhão de toneladas.

Já os Terminais de Uso Privado (TUPs) registraram crescimento de 14,1%, totalizando 68,7 milhões de toneladas. Entre os destaques está o Terminal de Petróleo TPET/TOIL, no Porto do Açu (RJ), com movimentação de 7,7 milhões de toneladas, aumento de 159,8%.

O ministro de Portos e Aeroportos, Silvio Costa Filho, ressaltou que os números refletem o avanço da infraestrutura e da capacidade operacional dos terminais brasileiros. “O setor portuário brasileiro vive um momento consistente de expansão. Os dados evidenciam a melhoria dos nossos terminais e reforçam a logística nacional”, afirmou.

O secretário Nacional de Portos, Alex Ávila, destacou que o crescimento é resultado de políticas públicas, concessões e arrendamentos realizados pelo Ministério de Portos, que têm atraído investimentos e aumentado a eficiência logística do país.

Crescimento na navegação de longo curso e cabotagem

A navegação de longo curso, responsável pelo transporte internacional, movimentou 70,9 milhões de toneladas, alta de 11% em relação a janeiro de 2025. Já a cabotagem, transporte entre portos nacionais, registrou aumento de 15%, com 20,2 milhões de toneladas, reforçando seu papel estratégico na logística interna, reduzindo custos e impactos ambientais.

Movimentação por tipo de carga

Granéis líquidos (petróleo, derivados e produtos químicos): alta de 29,7%, totalizando 31,2 milhões de toneladas.

Granéis sólidos (soja, milho, minério de ferro e fertilizantes): crescimento de 10,4%, com 54,7 milhões de toneladas.

Cargas containerizadas: aumento de 1,9%, movimentando 13,2 milhões de toneladas.

Carga geral solta (produtos industrializados, veículos e mercadorias diversas): queda de 13,2%, totalizando 4,9 milhões de toneladas.

Entre as mercadorias mais movimentadas, o óleo bruto de petróleo liderou com 21,4 milhões de toneladas (+37,6%), seguido da soja com 4,0 milhões de toneladas (+114,3%) e o açúcar, com 2,2 milhões de toneladas (+31,3%).

Impacto para a economia brasileira

O crescimento da movimentação portuária reflete não apenas o aumento das exportações, mas também o fortalecimento da infraestrutura logística do país. O desempenho dos portos é estratégico para o comércio exterior, para o escoamento da produção agrícola e industrial e para a competitividade do Brasil no mercado global.

ANÁLISE SETORIAL - Conflito no Oriente Médio eleva custos de energia e fertilizantes e amplia incertezas no mercado químico global

PLATAFORMA: ABIQUIM | CADERNO: ONLINE | 17.03.26

A Associação Brasileira da Indústria Química (Abiquim) acompanha com atenção os desdobramentos do conflito envolvendo Irã, Estados Unidos e Israel e seus potenciais impactos sobre a economia global e as cadeias produtivas ligadas à indústria química.

Até o momento, não há evidências de risco de desabastecimento de produtos químicos no Brasil. A oferta internacional permanece ampla e a indústria química brasileira dispõe de elevada capacidade produtiva ociosa — cerca de 40% da capacidade instalada — o que permite responder rapidamente a eventuais oscilações de mercado.

Os impactos mais relevantes do conflito ocorrem principalmente por vias indiretas e sistêmicas, especialmente nos mercados de energia, fertilizantes e logística marítima internacional.

“O conflito pressiona custos globais relevantes, especialmente em energia e fertilizantes. No caso dos produtos químicos, porém, o Brasil dispõe de capacidade industrial suficiente para preservar o abastecimento do mercado”, afirma o presidente-executivo da Abiquim, André Passos Cordeiro.

Energia e petroquímicos

O Irã produz cerca de 3,5 milhões de barris de petróleo por dia, e o Estreito de Ormuz concentra aproximadamente 20% da oferta global e cerca de 25% do comércio marítimo de petróleo.

Eventuais restrições prolongadas ao tráfego na região tendem a pressionar o preço do barril Brent, afetando diretamente a nafta petroquímica, principal insumo da indústria química brasileira.

Embora o Brasil seja exportador líquido de petróleo, o país permanece importador líquido de derivados, como diesel, GLP e nafta. Em cenários de alta do Brent, isso tende a elevar custos industriais, fretes internacionais e pressões inflacionárias.

Além disso, a indústria química brasileira não dispõe da mesma competitividade energética observada em países com ampla disponibilidade de gás natural de baixo custo, como Estados Unidos e algumas economias do Oriente Médio, o que pode ampliar perdas relativas de competitividade em cenários de choque energético global.

Fertilizantes nitrogenados

O impacto mais imediato do conflito concentra-se no mercado de fertilizantes nitrogenados, especialmente ureia e amônia.

O Irã é um importante exportador desses produtos e a instabilidade na região — somada às interrupções logísticas no Golfo — vem provocando forte volatilidade de preços. Desde o início do conflito, o preço da ureia no Brasil já registra aumento superior a 33%.

O Brasil importa cerca de 85% dos fertilizantes que consome, o que expõe o país a choques de preços e de logística internacional. Caso as restrições na navegação e no comércio regional se prolonguem por um período mais longo, podem surgir riscos de abastecimento no mercado de fertilizantes nitrogenados, além de novos aumentos de preços.

Impactos logísticos no comércio internacional

Estreito de Ormuz é rota estratégica para exportações de diversos países produtores da região, como Catar, Kuwait, Bahrein, Iraque e Emirados Árabes Unidos. A ameaça de ataques a embarcações e as restrições à navegação vêm provocando mudanças operacionais relevantes no comércio marítimo internacional.

Entre os principais efeitos observados estão:

- aumento do custo do gás natural, principal insumo utilizado na produção de amônia e ureia, pressionando os custos globais de fabricação• elevação do frete marítimo e dos prêmios de seguro, em função do maior risco associado às rotas no Golfo
- cobrança de taxas emergenciais de navegação e combustível, aplicadas por armadores para operações na região
- reconfiguração das rotas logísticas, com suspensão temporária de escalas em alguns portos e redirecionamento de cargas para destinos considerados mais seguros

Esse conjunto de fatores contribui para elevar preços e reduzir a previsibilidade de entregas no mercado internacional.

Cenários possíveis

Cenário 1 – Conflito limitado (mais provável)

Alta temporária do petróleo, volatilidade cambial moderada e impacto inflacionário administrável.

Cenário 2 – Restrição prolongada no Estreito de Ormuz

Pressão significativa sobre fertilizantes nitrogenados, aumento de custos logísticos e maior volatilidade nos mercados de energia.

Cenário 3 – Escalada regional ampla

Choque energético prolongado, redesenho das cadeias globais de suprimento e impacto relevante sobre a indústria química internacional.

Ociosidade elevada e capacidade produtiva

A indústria química brasileira opera atualmente com cerca de 40% de ociosidade, um dos níveis mais elevados da história recente do setor.

Esse indicador reflete um desafio estrutural importante para a indústria nacional, associado principalmente ao aumento das importações de produtos químicos a preços artificialmente baixos no mercado brasileiro.

Ao mesmo tempo, essa elevada disponibilidade de capacidade produtiva instalada significa que a indústria possui condições físicas de ampliar rapidamente a produção, caso seja necessário complementar ou substituir importações em cenários de instabilidade internacional.

Dessa forma, não há risco mapeado de desabastecimento de produtos químicos no Brasil, uma vez que o parque petroquímico nacional possui escala, tecnologia e diversidade produtiva suficientes para atender o mercado interno.

O setor químico brasileiro é atualmente o sexto maior do mundo e responde por cerca de 2 milhões de empregos diretos e indiretos.

Defesa da competitividade e estabilidade da produção nacional

Medidas recentes de política comercial também contribuem para preservar a capacidade produtiva doméstica e a estabilidade do abastecimento.

A Câmara de Comércio Exterior (Camex) aprovou a inclusão de 37 códigos da Nomenclatura Comum do Mercosul (NCM) na Lista de Desequilíbrios Comerciais Conjunturais (DCC), atendendo a pleito técnico da Abiquim para a elevação temporária das alíquotas de importação desses produtos.

A medida tem como objetivo corrigir distorções provocadas por práticas de preços predatórios no comércio internacional, especialmente de grandes exportadores globais, e restabelecer condições mínimas de competitividade para a indústria nacional.

O mecanismo segue regras do Mercosul e só é aplicado após análises técnicas que comprovem fatores como surto de importações, queda da produção doméstica e baixa utilização da capacidade instalada.

Estudos citados pela Abiquim indicam que o impacto dessas medidas sobre a inflação foi praticamente nulo — 0,009 ponto percentual no IPCA e 0,03 ponto percentual no IPA — demonstrando que o instrumento não restringe o acesso a insumos, mas contribui para preservar a produção doméstica e a estabilidade do abastecimento no médio e longo prazo.

Agenda estratégica

O atual contexto reforça a importância de políticas estruturantes capazes de reduzir vulnerabilidades e fortalecer a competitividade da indústria química brasileira, especialmente em cadeias estratégicas como energia, petroquímica e fertilizantes.

A Abiquim seguirá acompanhando atentamente os desdobramentos do conflito e defendendo soluções diplomáticas, ao mesmo tempo em que ressalta a importância de políticas industriais capazes de ampliar a resiliência e a segurança produtiva do país diante de cenários de instabilidade geopolítica.

Indústria química brasileira confirma seu papel estratégico e garante soberania produtiva nacional

PLATAFORMA: ABIQUIM | CADERNO: ONLINE | 17.03.26

Mesmo diante das tensões no Oriente Médio, indústria química nacional assegura oferta de insumos para cadeias essenciais e reforça a importância de proteger a competitividade produtiva no Brasil

A escalada do conflito militar no Oriente Médio e as incertezas globais quanto aos seus desdobramentos econômicos e geopolíticos de curto, médio e longo prazo reafirmam a importância estratégica da indústria química brasileira para a soberania produtiva nacional, garantindo abastecimento em quantidade e qualidade suficientes para as mais variadas e complexas cadeias de valor, confirmando o compromisso histórico do setor químico nacional com toda a sociedade brasileira.

Nos principais grupos de produtos químicos fabricados no Brasil não há risco estrutural nem sequer conjuntural de desabastecimento. Atualmente, essa indústria opera no País com uma ociosidade de cerca de 40%, o que representa uma reserva estratégica de disponibilidade imediata com garantia de fornecimento para toda a indústria de transformação, em complemento ou até mesmo em substituição aos produtos importados, cujos principais mercados fornecedores são Estados Unidos, China e até mesmo países da nossa região como México, Colômbia e Argentina, todos bastante distantes geograficamente da zona de conflito do Oriente Médio, os quais mantêm oferta abundante e sem perspectivas de rupturas operacionais e, em muitos casos, até mesmo predatória ao mercado brasileiro.

A estrutura de oferta internacional é ampla, diversificada e concentrada em países que não apresentam risco de interrupção logística capaz de gerar escassez de curto prazo. A isso se soma a oferta diversificada do produto químico brasileiro, particularmente para a indústria do plástico, possibilita garantia operacional para os mais variados setores, de alimentos a cosméticos, de eletrodomésticos a embalagens, e traz tranquilidade para os consumidores ao afastar receios de desabastecimento.

Indiscutivelmente, o recente agravamento da situação bélica em uma das principais geografias produtoras de petróleo e gás traz forte pressão de custos globalmente, o que reforça a necessidade de uma rápida atuação com foco na preservação das indústrias domésticas, sobretudo aquelas, como a química, mais expostas ao risco de se tornarem alvos fáceis e imediatos de fornecedores estrangeiros em condições predatórias.

No caso do PVC, por exemplo, produto fundamental em setores como construção civil, saneamento básico, embalagens diversas, as importações passaram a ocupar parcela relevante do mercado brasileiro por conta de práticas desleais de alguns fornecedores estrangeiros e que foram corrigidas por medidas de defesa comercial e de tarifas emergenciais, reestabelecendo condições indispensáveis para um mercado interno saudável e para a expressiva produção doméstica que se complementa por produtos vindos da Colômbia e da Argentina, origens regionais, nada impactadas por logística de suprimentos do Oriente Médio, que somadas totalizam praticamente 60% de todas as importações brasileiras de PVC.

A indústria química brasileira é um pilar estratégico de resiliência, especialmente em cenários instáveis de guerra e rupturas logísticas internacionais. A existência de capacidade instalada, tecnologia, diversidade produtiva e suporte regulatório adequado garante que o Brasil tenha condições de mitigar choques globais e preservar a segurança de suprimento, em insumos essenciais para cadeias produtivas críticas.

É exatamente nesse contexto que o fortalecimento da competitividade da indústria química nacional e o combate ao comércio predatório e desleal se tornam condições indispensáveis para assegurar um ambiente de maior estabilidade, previsibilidade e preservação da capacidade produtiva instalada como estratégia central de soberania e segurança econômica nacional em contextos de crescente instabilidade global.

A Associação Brasileira da Indústria Química (Abiquim) permanece à disposição para prestar todos os esclarecimentos que se fizerem necessários aos setores das cadeias produtivas demandantes de produtos químicos, reafirmando seu compromisso permanente com o diálogo, a transparência e a segurança do abastecimento nacional.